

DESCOLONIZANDO O SABER: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ATRAVÉS DA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM SALA DE AULA

Jessica Thais Pereira de Oliveira ¹
Aluska Nidiane dos Santos Carneiro ²

RESUMO

Este artigo visa explorar o potencial da literatura de Conceição Evaristo como uma ferramenta pedagógica para promover a educação antirracista e as relações étnico-raciais nas escolas. O objetivo central é analisar como a inclusão das obras de Evaristo no currículo escolar pode contribuir para a conscientização crítica dos estudantes sobre questões de identidade, racismo estrutural e resistência negra. A fundamentação teórica deste estudo baseia-se nas perspectivas de três importantes estudiosos: Nilma Lino Gomes (2012); bell hooks (2013); Nelzir Martins Costa (2020) e Antonio Candido (2004). Gomes destaca a importância de uma educação que reconheça e valorize a diversidade étnico-racial, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. hooks enfatiza a necessidade de uma abordagem crítica e engajada, utilizando a literatura como ferramenta de empoderamento e resistência. Por fim, Candido ressalta o potencial humanizador da literatura, capaz de sensibilizar os leitores para as diferentes realidades sociais e promover a empatia e a solidariedade. Espera-se que a introdução da literatura de Conceição Evaristo no contexto escolar contribua para o desenvolvimento de uma consciência crítica e antirracista nos estudantes, bem como para o fortalecimento da identidade e autoestima negras. Além disso, busca-se promover a reflexão sobre as desigualdades raciais e a valorização da cultura afro-brasileira, fomentando a construção de relações mais igualitárias e inclusivas na comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Relações Étnico-Raciais, Literatura; Escrivência;

INTRODUÇÃO

Enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um novo destino.

Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio, 2003.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – PB, jessica.thais@academico.ifpb.edu.br.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – PB, aluska.carneiro@academico.ifpb.edu.br;

Implantado nas próprias instituições e absorvido nas práticas cotidianas, o racismo é, por conseguinte, um processo político e histórico que se encontra reproduzido no imaginário social da população e na naturalização das práticas e lugares de marginalização social para os negros. É nesse contexto, portanto, que uma educação antirracista se institui, uma vez que faz-se necessário construirmos processos formativos que contribuam para construção de uma educação que funcione como forma de enfrentamento à desigualdade e ao racismo estrutural e estruturante. Diante disso, trazemos neste artigo a importância de debater a inserção da literatura de Conceição Evaristo no contexto escolar, enquanto ferramenta pedagógica que possibilita a promoção de um diálogo crítico sobre questões raciais, fundamentais para o fomento de uma educação de fato antirracista, diversa e emancipatória.

Ao dar voz a sujeitos historicamente marginalizados, a autora oferece uma perspectiva única sobre as experiências de mulheres negras no Brasil, desvendando as complexidades das relações raciais e de gênero. Podemos afirmar que as obras de Evaristo constituem um contraponto às narrativas hegemônicas, que tradicionalmente silenciam as vozes negras. Ao trazer à tona as vivências das personagens que habitam as periferias, becos e vielas, a autora contribui para a descolonização do conhecimento e para a valorização da diversidade cultural.

Para realizar as reflexões aqui colocadas, adotamos como procedimento metodológico a abordagem bibliográfica, a partir de pesquisadoras que versam sobre o papel da educação como elemento de mudança social, bem como de teóricos que tematizaram o lugar da literatura no processo de humanização dos indivíduos. Destacamos, assim, as obras de Nilma Lino Gomes (2012); bell hooks (2013); Nelzir Martins Costa (2020); Antonio Candido (2004) e Marisa Lajolo (1981). Entendemos que os referidos autores contribuem significativamente no debate que visa estabelecer uma relação entre as obras de Conceição Evaristo e as possibilidades de caminhos para uma educação descolonizada.

Em suma, aguardamos, como resultados, que este artigo colabore tanto no debate acerca da literatura negra e educação antirracista, quanto no fomento de condutas e práticas pedagógicas que visem a construção de uma educação mais democrática e inclusiva, que reconheça a importância da história, da cultura afro-brasileira e sobretudo

dos impactos sócio-históricos na realidade do povo negro brasileiro. Esperamos, assim, que ao levar para a sala de aula a produção de escritores e escritoras ditos racializados, educadores e educadoras contribuam para a reflexão sobre as relações de poder e as desigualdades sociais. Posto que ao analisar as personagens e as narrativas presentes nestes livros, os estudantes podem compreender como o racismo se manifesta em diferentes esferas da vida social e como ele se converge com outras formas de opressão, ou seja, como raça, classe e gênero se entrelaçam e atravessam as experiências coletivas de grupos marginalizados.

METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, cujo objetivo principal é analisar como a inclusão das obras de Evaristo no currículo escolar pode contribuir para a conscientização crítica dos estudantes sobre questões de identidade, racismo estrutural e resistência negra. Para tal propósito, realizamos uma revisão de pesquisas e obras com foco em abordagens acerca da educação antirracista, da formação de leitores e do papel da literatura na construção social dos indivíduos.

Dentre as obras pesquisadas e analisadas, destacamos os estudos dos seguintes autores: Nilma Lino Gomes (2012), através do artigo *Movimento Negro E Educação: Ressignificando E Politizando A Raça*, que, de maneira geral, discute o papel do Movimento Negro no avanço das discussões étnico-raciais no campo educacional; bell hooks (2013), a partir do livro *Ensinando a Transgredir, a Educação como Prática da liberdade*, em que a pensadora traz uma perspectiva de educação que deve ser pensada para emancipação, liberdade e comprometida, coletivamente, com a mudança; Antonio Candido (2004), que em sua obra *Vários Escritos*, nos apresenta com a reflexão acerca do direito à literatura e de seu caráter humanizador; Nelzir Martins Costa (2020) através de sua tese de doutorado intitulada *Literatura E As Relações Étnico-Raciais Na Escola: uma experiência de Letramento Literário em comunidades quilombolas*, onde pesquisadora buscou identificar se, e como, a literatura afro-brasileira contribui para as discussões raciais em sala de aula ;por fim salientamos ainda as contribuições de Marisa Lajolo (1981), importante teórica dos estudos literários, com foco na formação de leitores e na atuação da literatura no desenvolvimento sócio-cultural dos estudantes.

Em síntese, a pesquisa foi, desse modo, constituída por um conjunto de obras que contribuíram no debate aqui estabelecido, dentro do campo dos estudos literários, da educação e das relações étnico-raciais. Desenvolvemos esta análise em três etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) análise de conteúdo dos textos e 3) discussão dos resultados encontrados.

Gostaríamos de ressaltar, por fim, que o presente trabalho apresenta limitações por seu caráter exploratório, que, de maneira geral, não consegue alcançar de forma substancial todo conjunto de obras que tematizam as reflexões aqui colocadas. Contudo, reforçamos também que se trata de uma pesquisa introdutória e que, a partir dos debates estabelecidos, será desenvolvida de forma a preencher as lacunas ainda existentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta de uma educação antirracista se baseia na necessidade do desenvolvimento de uma educação que tenha como observância o respeito, a inclusão, a igualdade, a equidade e a diversidade nas/das relações étnico-raciais. Assumir que o racismo, enquanto problema estrutural e coletivo, é também uma questão central da educação é o primeiro passo para combatê-lo. Nesse sentido, podemos pensar o papel dos movimentos sociais negros, que atuaram - e ainda atuam - no sentido de politizar as relações raciais e dessa forma mobilizar o conceito de raça enquanto construção social. As ações desses movimentos, como bem observa Gomes (2012) “[...] Visam à construção da sociedade e da educação como espaços/tempos mais igualitários, democráticos e justos para todos.”

Desse modo, pensamos a educação a partir de uma perspectiva que a entende enquanto um processo social e político, que desempenha um papel fundamental na transformação da sociedade. A escola, como instituição social, não está isenta de reproduzir, expressar ou reforçar atitudes racistas, sejam nas relações entre alunos, professores, gestores, ou nos próprios conteúdos didáticos. Porém, faz-se necessário irmos além da constatação do racismo como um problema de todos, a luta antirracista nos convida para ação. Portanto, a escola precisa ultrapassar o debate e formular estratégias que combatam de fato a discriminação racial. Como afirma bell hooks (2017), a educação deve ser um ato político, engajado na luta contra todas as formas de

opressão e desigualdade, que promova a consciência crítica e a transformação social, fomentando a construção de identidades criticamente conscientes.

Ao pensarmos em estratégias de combate ao racismo no espaço escolar, temos nos textos literários uma importante ferramenta que pode auxiliar a comunidade escolar neste processo. Para a pesquisadora Costa (2020, p.47), “na luta dos movimentos libertários, a literatura tem sido um dos alicerces dos militantes, por meio de suas múltiplas formas de manifestações”. Segundo a autora, a leitura literária de obras afro-brasileiras, aliada a um processo reflexivo de mundo, favorece a formação de sujeitos críticos e empoderados.

Entendemos que a literatura, especialmente quando destinada ao público infantojuvenil, transcende o mero entretenimento, configurando-se como um direito humano fundamental. Ao proporcionar um espaço de interação entre autor e leitor, a literatura, nas palavras de Marisa Lajolo (1981, p.38), “A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana” (LAJOLO, 1981, p.38). Em outras palavras, a leitura literária instaura um universo próprio, onde a subjetividade encontra eco e se expande para além das limitações do cotidiano.

Essa experiência literária, ao nos conectar com diferentes realidades e perspectivas, contribui significativamente para o desenvolvimento de nossa humanidade. Neste sentido, a literatura se configura como instrumento essencial para nossa formação e humanização enquanto indivíduos, enquanto sociedade. Esse caráter humanizador da literatura pode ser potencializado quando pensamos a importância da leitura dentro de contextos de desigualdade social, principalmente para grupos racializados, marginalizados e socialmente excluídos. Conforme afirma Candido (2004):

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 249).

Através da leitura podemos nos constituir enquanto sujeitos, visto que ela nos permite acessar a diversidade de experiências humanas, os mais variados sentidos e perspectivas, as inúmeras vozes que representam as nossas vivências. Para o autor, o direito à leitura não opera somente no sentido de garantir ao indivíduo acesso à cultura e conhecimento, para além desses aspectos educacionais, a literatura é uma ferramenta de humanização, de sensibilização desse indivíduo. Antonio Candido quando discorre acerca do poder humanizador da literatura nos chama a atenção para a dimensão social presente nos livros literários.

Ao trabalhar literatura em sala de aula, principalmente na educação básica, é necessário que o professor traga para seus alunos as diversas formas de pensar a sociedade, de contar ou recontar a história de um povo, de pensar novas possibilidades de humanidade, que os textos literários podem trazer sem suas linhas e entrelinhas. Além disso, para grupos em situação de vulnerabilidade a leitura pode se estabelecer como uma importante ferramenta de reconhecimento dos sujeitos vulnerabilizados enquanto sujeitos de direitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trabalharmos com os textos de Conceição Evaristo em sala de aula, é possível desenvolver nos estudantes habilidades de leitura crítica, de interpretação de textos e de produção de discursos próprios, além de fortalecer sua capacidade de analisar as relações de poder e as desigualdades sociais. Textos como *Vozes Mulheres* (2017), *Maria* (2014), *Ponciá Vicêncio* (2006), *Becos da Memória* (2013), entre outros, são escolhas excelentes, visto que são obras que dialogam com o contexto sócio-histórico brasileiro e colocam em evidência as experiências e vivências de pessoas negras. São, acima de tudo, obras que trazem discussões profundas e que podem ser ferramentas poderosas para a formação de leitores críticos, conscientes e socialmente engajados.

Outro elemento que as obras de Evaristo evidenciam, diz respeito à complexidade e diversidade das experiências femininas. No conto *Maria* (2014), por exemplo, a autora traz a história de uma mulher trabalhadora doméstica, pobre, mãe, perfil tão comum a milhares de brasileiras: *A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa!*

Faca-laser corta até a vida! (p.32). No poema *Vozes-Mulheres*, as dores vividas pelas gerações de mulheres negras, bem como a esperança de um futuro menos violento, são expostas de forma magistral.

Para além disso, obras como a da autora são especialmente importantes para levar aos estudantes da educação básica, reflexões acerca do que é ser negro e negra neste país, através de temas como história do povo negro, construção da imagem negra, representatividade e relações raciais no contexto da escola. Salientamos discutir esses temas apenas em datas comemorativas, como dia da consciência negra em 20 de novembro, não é suficiente, precisamos trazer o antirracismo para o dia-a-dia da escola, buscando transformar as vivências de violência e exclusão em espaços de acolhimento, respeito e principalmente o reconhecimento do valor das diferenças. Portanto, essa transformação se dará quando as instituições de ensino entenderem que a luta por uma educação democrática estará sempre atrelada à uma luta por uma sociedade antirracista.

Neste ponto a literatura, como nos lembra Costa (2020) é uma aliada que pode ser inserida no cotidiano escolar, das mais diversas maneiras. Contudo, para que a leitura literária seja de fato uma ferramenta pedagógica de impacto, devemos nos atentar que esta não deve se limitar à gramática ou regras ortográficas, ou seja, o ensino da literatura não deve se restringir à análise formal dos textos.

Ela pode nos oferecer um universo de possibilidades para a construção de significados, a ampliação do repertório cultural e o desenvolvimento da sensibilidade linguística. Em suma, a literatura é muito mais do que um conteúdo curricular. Ela é uma ferramenta poderosa para a formação integral do indivíduo, capaz de despertar a imaginação, a criatividade e a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Para tanto, o professor deve buscar estabelecer conexões entre a obra literária e a realidade dos alunos, promovendo discussões que estimulem a reflexão e a construção de conhecimentos. É neste sentido, que esperamos que a introdução de textos diversos e representativos nas salas de aula promova um ambiente de aprendizado mais inclusivo e empático. Ao expor os alunos a diferentes perspectivas e experiências, a literatura pode desafiar preconceitos arraigados e construir uma consciência crítica sobre as questões raciais.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Em *“Ensinando a Transgredir”* (2013), bell hooks afirma: “Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os

processo pedagógicos” (p.193). Partindo desse pressuposto, entendemos que não se pode ensinar o gosto pelos livros de forma impositiva como vemos nas escolas de educação básica. Como bem nos alerta Pennac (1993): "O verbo ler não suporta o imperativo.". Porém, ao evidenciar o poder transformador da leitura, professores e professoras podem promover um letramento literário representativo, com vozes e olhares múltiplos.

Ao pensar em estratégias para promover a leitura literária aliada ao pensamento crítico e que desafie os estereótipos de raça, temos como instrumento educativo a prática dos círculos de leitura, conforme defendido por Rildo Cosson (2014). Os círculos de leitura oferecem um espaço privilegiado para a construção de significados compartilhados a partir de textos literários. Ao dialogar sobre as obras, os participantes não apenas ampliam seus repertórios, mas também fortalecem os laços sociais e constroem identidades coletivas.

Essa prática evidencia o caráter social da literatura, especialmente quando as leituras nos convidam a refletir sobre realidades distintas e complexas, como as vivenciadas por grupos minoritários. Ao se engajar em discussões sobre as obras, os participantes podem desenvolver empatia, questionar suas próprias crenças e fortalecer laços de solidariedade. Introduzir círculos de leitura é, sobretudo, uma forma de provocar diálogos que muitas vezes os estudantes não encontram em espaços fora do campo escolar. Lembremos de bell hooks (2020), quando essa nos chama a atenção para o caráter transformador do diálogo em sala de aula:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (p.174).

Ao ensinar literatura, o professor deve fornecer aos seus alunos o contato com uma diversidade de estilos, gêneros e perspectivas e métodos de leitura literária, que contribuam para ampliar seu repertório cultural e linguístico. Essa imersão tem como objetivo desenvolver no alunado, além do pensamento crítico, o pensamento sensível às nuances da linguagem, à expressividade dos textos e à complexidade dos processos de leitura e escrita. Um ponto a se enfatizar, nesse processo, seria a importância da experiência pessoal do docente com a literatura e em sua formação como professor.

Ao vivenciar a leitura como uma atividade ativa e prazerosa, o docente desenvolve uma compreensão mais profunda sobre os mecanismos de produção e recepção de textos, o que o habilita a mediar esse processo de forma mais eficaz com seus alunos. Benedito Antunes (2019) corrobora essa ideia, destacando que a leitura amplia o repertório do docente, capacitando-o a selecionar obras adequadas para cada faixa etária e contexto escolar. Além disso, o contato com a literatura contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de análise, habilidades essenciais para a prática pedagógica.

Além do contato prévio com obras literárias, o docente precisa estar munido de estratégias metodológicas que auxiliem no ensino do texto literário. O uso de metodologias adequadas no trato com as obras literárias, além de ser suporte para o professor, também se configura como um meio eficaz para aprendizagem dos estudantes.

Em suma, se apropriar de ferramentas como o método recepcional, método criativo (BORDINI & AGUIAR, 1993), sequências didáticas e círculos de leitura (COSSON, 2006 e 2014), é um caminho necessário para a formação de leitores críticos na educação básica. Precisamos ser professores leitores, que acreditam na literatura como um caminho viável para a cidadania. Ao partirmos dessas premissas podemos usar estratégias e metodologias que nos auxiliem na construção de jovens leitores socialmente conscientes e engajados na luta antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, entendemos que a literatura de Conceição Evaristo emerge como um recurso indispensável para a construção de práticas pedagógicas antirracistas. constitui uma ferramenta poderosa para a educação antirracista. Ao trabalhar com seus textos, é possível promover a descolonização do conhecimento, a valorização da diversidade cultural e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A obra de Evaristo nos convida a repensar as práticas pedagógicas que podem construir um currículo mais inclusivo, posto que seus poemas, contos, romances trazem importantes elementos para pensarmos como os indivíduos são afetados em comunidades atravessadas pelo racismo, exclusão e violência e como essas questões são invisibilizadas nos espaços sociais.

Além disso, são obras que abordam a representação da formação e invisibilidade da subjetividade negra nas relações raciais dentro contexto social Brasileiro. Obras cuja potencialidade está, não somente em escancarar o real, mas em apontar novos caminhos para o debate acerca das desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. O lugar da literatura nos cursos de licenciatura. Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v. 10, n. 2, s.p., 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

BULHÕES, Ricardo M. A Formação do Leitor e o Ensino da Literatura. Estudos Lingüísticos XXXIV. São Paulo, 2005.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. _____ . Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Nelzir Martins. Literatura e as relações étnico-raciais na escola: uma experiência de letramento literário em comunidades quilombolas.2020. 252f. Tese (Doutorado em Letras: ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2020.

EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. Olhos D'água. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

_____. Poemas da recordação e outros movimentos. 3a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Becos da Memória. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

GOMES, N. L.. Movimento negro e educação: resignificando e politizando a raça. Educação & Sociedade, v. 33, n. 120, p. 727–744, jul. 2012.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.